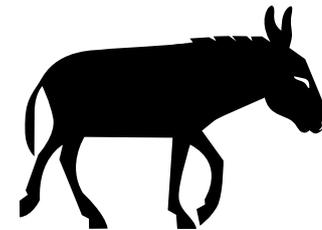


Mark Twain

A VIAGEM DOS  
INOCENTES

OU A NOVA ROTA DOS  
PEREGRINOS



Tradução de  
Margarida Vale de Gato

COORDENADOR DA COLECÇÃO  
CARLOS VAZ MARQUES

LISBOA:  
TINTA-DA-CHINA  
MMX

# ÍNDICE

Prefácio	17
Nota de Edição e Tradução	19
NOTA DO AUTOR	25
CAPÍTULO I	27
O Que Se Disse da Excursão – Programa da Viagem – Devidamente Inscrito – Ausências Célebres	
CAPÍTULO II	38
Grandes Preparativos – Um Ilustre Dignitário – O Êxodo Europeu – A Opinião do Sr. Blucher – A Cabine n.º 10 – A Reunião dos Clás – Finalmente no Mar	
CAPÍTULO III	43
«Observação» dos Passageiros – No Mar Alto – As Contrariedades dos Patriarcas – Tentativa de Diversão Face aos Problemas – Cinco Comandantes no Navio	
CAPÍTULO IV	48
Os Peregrinos e a Domesticidade – Vida dos Peregrinos no Mar – A «Macacada» – A «Sinagoga» – A Escola de Redações – O Diário de Jack – O Clube do Q.C. – A Lanterna Mágica – Baile de Gala no Convés – Julgamentos a Fingir – Charadas – A Seriedade dos Peregrinos – Música Lenta – O Imediato Emite a Sua Opinião	
CAPÍTULO V	57
Verão no Meio do Atlântico – Uma Lua Excêntrica – A Apreensão do Sr. Blucher – Os Mistérios da «Hora Marítima» – Os Habitantes das Profundezas – «Terra à Vista!» – Primeiro Desembarque Numa Terra Estrangeira – Comoção entre os Autóctones – Sobre o Arquipélago dos Açores – O Jantar Desastroso de Blucher – Conclusão a Contento	
CAPÍTULO VI	64
Informação de Fonte Segura – Uma Comunidade Fóssil – Hábitos e Costumes Pitorescos – A Impostura Jesuíta – Peregrinações Fantásticas – Precursores da Calçada Nova-Iorquina – Contas Feitas com os Fósseis – De Novo no Mar	

© 2010, Edições tinta-da-china, Lda.  
Rua João de Freitas Branco, 35A,  
1500-627 Lisboa  
Tels: 21 726 90 28/9 | Fax: 21 726 90 30  
E-mail: info@tintadachina.pt  
www.tintadachina.pt

Título original: *The Innocents Abroad,*  
*or The New Pilgrims' Progress*  
Autor: Mark Twain  
Tradução: Margarida Vale de Gato  
Coordenador da colecção: Carlos Vaz Marques  
Revisão: Tinta-da-china  
Composição e capa: Vera Távares

1.ª edição: Outubro de 2010

ISBN 978-989-671-050-7  
Depósito Legal n.º 316598/10

CAPÍTULO VII	72	CAPÍTULO XIV	142
Uma Tempestade Nocturna – Espanha e África em Revista – Saudações a Um Ilustre Desconhecido – Os Pilares de Hércules – O Rochedo de Gibraltar – Repetição Cansativa – «O Trono da Rainha» – Tranquilidade Conquistada – Curiosidades das Grutas Secretas – Militares em Gibraltar – Personagens Bizarrias – Uma Escapadela Privada por África – Confronto com Uma Guarnição Muçulmana (sem Perda de Vida) – Vaidade Censurada – Desembarque no Império de Marrocos		A Venerável Catedral de Notre Dame – João Sem Medo – Tesouros e Relíquias Sagradas – A Lenda da Cruz – A Morgue – O Afamado Blondin – O Escandaloso Cancá – O Palácio do Louvre – O Grande Parque – Um Desfile com Estilo – Preservação de Marcos Conspicuos	
CAPÍTULO VIII	87	CAPÍTULO XV	151
A Velha Cidade de Tânger, Marrocos – Estranhas Vistas – Berço da Antiguidade – Enriquecemos – Como Se Assaltam Carteiros em África – O Perigo da Oportunidade em Marrocos		O Cemitério Nacional Francês – Entre os Grandes Mortos – O Santuário do Amor Contrariado – A História de Abelardo e Heloisa – «English Spoken Here» – «American Drinks Prepared Here» – Honras Imperiais a Um Americano – <i>Grisettes</i> Sobrestimadas – Partida de Paris – Uma Opinião Peremptória Acerca da Beleza das Mulheres Americanas	
CAPÍTULO IX	94	CAPÍTULO XVI	165
Um Peregrino em Perigo de Vida – Como Arranjaram o Relógio – As Penas de Crime dos Muçulmanos – Hábitos Matrimoniais – Vários Domingos Numa Semana – A Sagacidade dos Peregrinos Maometanos – Adoráveis Gatos – A Vida Regalada de Um Cônsul		Versalhes – Paraíso Reconquistado – Um Parque Maravilhoso – Paraíso Perdido – Estratégia de Napoleão	
CAPÍTULO X	101	CAPÍTULO XVII	171
Quatro de Julho no Mar – O Pôr-do-Sol no Mediterrâneo – O «Oráculo» é Destituído de Opinião – Comemorações – O Discurso do Comandante – França à Vista – O Autóctone Ignorante – Em Marselha – Outro Equívoco – Perdidos na Grande Cidade – Encontrados – Uma Cena Afrancesada		Guerra – As Forças Americanas Vitoriosas – «De Novo em Casa» – Itália à Vista – A «Cidade dos Palácios» – A Beleza das Genovesas – Os «Caçadores de Beatas» – Entre os Palácios – Um Guia Talentoso – Magnificência da Igreja – «Proibida a Entrada a Mulheres» – Como Se Vive em Génova – Arquitectura Maciça – Um Pedaco de História Antiga – Campas para Sessenta Mil	
CAPÍTULO XI	110	CAPÍTULO XVIII	183
A Força do Hábito – Falta de Sabonete – A Ementa do «Table d’Hôte» – «Um Americano, Meu Senhor!» – Uma Descoberta Interessante – O Pássaro «Peregrino» – Estranha Camaradagem – O Túmulo dos Vivos – Cativo Prolongado – Alguns dos Heróis de Dumas – A Masmorra do Célebre «Máscara de Ferro»		Voando pela Itália – Marengo – A Famosa Catedral à Primeira Vista – Descrição de Alguns dos Seus Prodígios – O Horror Esculpido na Pedra – Uma Aventura Desagradável – Um Bom Homem – Um Sermão do Túmulo – Toneladas de Ouro e Prata – Mais Relíquias Sagradas – O Templo de Salomão Empalidece	
CAPÍTULO XII	117	CAPÍTULO XIX	193
Uma Corrida pela França – A Paisagem Estival – Nas Grandes Planícies Americanas – Os Comboios Franceses – Educação à Francesa – Os Revisores dos Comboios Americanos – «Meia Hora para o Jantar» – Porque Não Há Acidentes – Os «Viajantes Antigos» – Ainda em Viagem – Finalmente Paris – A Ordem e o Aprumo dos Franceses – A Bastilha – As Atracções – Uma Atrocidade Bárbara – Ridículo Jogo de Bilhar		«Do you wiz zo haut can be?» – La Scala – Petrarca e Laura – Lucrecia Bórgia – Frescos Traçoeiros – Anfiteatro Romano – Uma Ilusão Bem Montada – A Confusão dos Bilhares – O Principal Encanto da Vida Europeia – Um Banho Italiano – Precisa-se: Sabonete – Francês Amputado – Inglês Mutilado – A Pintura Mais Famosa do Mundo – Deslumbramentos de Amadores – Críticos Frouxos – Uma História – Um Eco Extraordinário – Um Beijo por Um Franco	
CAPÍTULO XIII	130	CAPÍTULO XX	210
Mais Confusão – <i>Monsieur</i> Billfinger – O Re-Batismo do Francês – Nas Garras de Um Guia Francês – A Exposição Universal – Uma Bela Revista Militar – Vislumbres do Imperador Napoleão e do Sultão da Turquia		A Itália Rural de Comboio – Fumigados, Segundo a Lei – Noite no Lago de Como – O Famoso Lago – A Sua Paisagem – Comparação entre o Como e o Tahoe – Encontro com Um Camarada	

CAPÍTULO XXI	218
O Belo Lago di Lecco – Uma Viagem de Carruagem pelo Campo – Espantoso Convívio com Um Cocheiro – Uma Terra Cheia de Sono – Santuários Sangrentos – O Verdadeiro Reduto da Padaria – Um Romance Medieval Emocionante – A Terra Natal de Arlequim – Quase em Veneza	
CAPÍTULO XXII	228
Veneza à Noite – O «Alegre Gondoleiro» – Grandioso Festival ao Luar – Paisagens Notáveis de Veneza – A Mãe Inconsolável das Repúblicas	
CAPÍTULO XXIII	240
A Famosa Gôndola – A Gôndola a Uma Luz Pouco Romântica – A Grande Praça de São Marcos e o Leão Alado – <i>Snobs</i> , na Pátria e no Estrangeiro – Sepulcros de Mortos Ilustres – Uma Ferroada nos «Velhos Mestres» – Um Guia Traficado – A Conspiração – Outra Vez em Viagem	
CAPÍTULO XXIV	255
Pela Itália, de Comboio – Por Florença – Dante e Galileu – Uma Cidade Ingrata – A Extrema Generosidade – Maravilhosos Mosaicos – O Arno Histórico – Perdido Outra Vez – Reencontrado, mas sem Direito a Cabrito de Boas-Vindas – A Torre Inclinada de Pisa – A Antiga Catedral – O Primeiro Pêndulo Que Jamais Balançou – Um Eco Encantador – Um Novo Santo Sepulcro – Uma Relíquia da Antiguidade – Uma República em Decadência – De Novo em Casa, Satisfeito, a Bordo – Suspeitas sobre o Nosso Pacote – Visita ao General Garibaldi – Ameaças de Quarentena	
CAPÍTULO XXV	266
Como Se Cai na Bancarrota – Sumptuosos Caminhos-de-Ferro – Como Se Enche Um Cofre Vazio – A Pompa da Santa Madre Igreja – Esplendor Eclesiástico – Grandeza e Miséria – Censura Generalizada – Mais Grandeza – O Que os Padres Têm de Bom – A Sombria Civitavecchia – A Caminho de Roma	
CAPÍTULO XXVI	277
Um Romano Moderno em Viagem – A Grandeza de São Pedro – Relíquias Sagradas – Magnífica Vista da Catedral – A Santa Inquisição – Interessantes Imposturas Fradescas da Antiguidade – O Coliseu em Ruínas – O Coliseu nos Dias de Glória – Um Antigo Programa de Um Espectáculo no Coliseu – Respectiva Recensão Jornalística com Mil e Setecentos Anos	
CAPÍTULO XXVII	298
«Retalhados para o Festim Romano» – O Homem Que Nunca Se Queixava – Um Assunto Desesperante – A Estultícia dos Guias –	

As Catacumbas Romanas – O Santo a Quem Rebentaram as Costelas – O Milagre do Coração a Sangrar – A Lenda de Ara Coeli

CAPÍTULO XXVIII	312
Horrores Pitorescos – A Lenda de Frei Tomás – Análise Científica de Um Desgosto de Amor – Festiva Companhia dos Mortos – O Grande Museu do Vaticano – O Rapto das Sabinas – Protecção Papal das Artes – O Preço dos «Velhos Mestres» – Revisão das Sagradas Escrituras – A Hierarquia das Personagens Santas em Roma – A Hierarquia das Honras Que Lhes São Devidas – Fossilização – Partida para Nápoles	
CAPÍTULO XXIX	322
Nápoles – Finalmente de Quarentena – Torre Annunziata – Subida ao Monte Vesúvio – A Comunidade dos Dois Cêntimos – O Lado Negro do Carácter Napolitano – Milagres Fradescos – Continuação da Subida ao Vesúvio e o Cocheiro – Nápoles à Noite, Vista da Encosta – Continuação da Subida ao Vesúvio	
CAPÍTULO XXX	329
Continuação da Subida ao Vesúvio – A Linda Vista ao Nascer do Sol – A Vista Menos Linda dos Arredores – Continuação da Subida ao Vesúvio – Edifícios Muito Altos – Uma Procissão Variegada – Quanto Custa o Pequeno-Almoço de Um Pedinte – Salários Principescos – Continuação da Subida ao Vesúvio – A Média dos Preços – A Maravilhosa «Grotta Azzurra» – Visita aos Sítios Famosos da Baía de Nápoles – A Venenosa «Grotta del Cane» – Um Mar de Lava Petrificado – Continuação da Subida – Chegada ao Cume – Descrição da Cratera – Descida do Vesúvio	
CAPÍTULO XXXI	340
A Cidade Soterrada de Pompeia – De Como Parece Que Há Oitocentos Anos Ninguém Vive Nestas Casas – O Fórum da Justiça – Devastação – As Pegadas dos Que Partiram – Teatros, Padarias, Escolas, etc. – «Proibida a Entrada a Mulheres» – Esqueletos Conservados com Cinzas – O Valente Mártir de Serviço – Rip Van Winkle – A Efemeridade da Glória	
CAPÍTULO XXXII	350
Novamente no Mar – Todos os Peregrinos de Boa Saúde – A Magnífica Stromboli – Sicília ao Luar – Cila e Caríbdis – Uma Gafe do «Oráculo» – Bordejando as Ilhas Gregas – A Antiga Atenas – Fechados de Quarentena, sem Autorização para Entrar – Uma Arriscada Aventura Nocturna – A Necessidade Faz o Ladrão – Tentativa de Arrombamento da Acrópole – Fracasso – Entre as Glórias de Ourora – Um Mundo de Esculturas em Escombros – Uma Visão de	

Encantar – Locais Célebres – Retirada Ordeira – Apanhados pelas Sentinelas – Uma Viagem com Escolta Militar – Sãos e Salvos a Bordo	
CAPÍTULO XXXIII	366
A Grécia Moderna – Majestade em Decadência – Navegando o Estreito de Dardanelos – As Marcas da História – O Primeiro Incumprimento Contratual da História – Ancorados diante de Constantinopla – Fantasias da Moda – Um Guardador de Gansos com Muitos Recursos – Deficientes Sortidos – A Grande Mesquita – As Mil e Uma Colunas – O Grande Bazar de Istambul	
CAPÍTULO XXXIV	379
Moralidade e Uísque em Falta – Relatório do Mercado das Escravas – O Comércio e a Moralidade ao Desbarato – A Má Fama dos Cães de Constantinopla – Os Prazeres Duvidosos do Jornalismo na Turquia – Os Recursos do Jornalismo Italiano – Acabaram-se os Almoços à Turca – A Fraude do Banho Turco – A Fraude do Narguilé – Lixado por Um Autóctone – A Fraude do Café Turco	
CAPÍTULO XXXV	393
Navegação do Bósforo e do Mar Negro – «O Longínquo Moisés» – A Melancolia de Sebastopol – A Hospitalidade Russa – Agradável Encontro com Ingleses – Combates Perdidos – A Caça às Relíquias – O Coleccionismo dos Viajantes	
CAPÍTULO XXXVI	399
Nove Mil Milhas a Oriente – Imitação de Uma Cidade Americana na Rússia – Gratidão Tardia – Anúncio da Visita ao Senhor de Todas as Rússias	
CAPÍTULO XXXVII	403
Casa de Verão da Realeza – Preparação para a Temível Provação – A Comissão para a Saudação ao Imperador – A Recepção pelo Imperador e Sua Família – Indumentárias da Família Imperial – Poder Concentrado – A Contagem das Colheres – Em Casa do Grão-Duque – Um Solar Encantador – Um Perfeito Cavalheiro – A Grã-Duquesa – Um Pequeno-Almoço Grão-Ducale – O Filho do Padeiro, Esganado de Fome – A Fraude dos Monarcas do Teatro – Salvos de Um Dilema – A Visita a Bordo do Governador-Geral – O Estilo «Oficial» – Visitas Aristocráticas – Troca de Galhardetes – Despedidas	
CAPÍTULO XXXVIII	416
Regresso a Constantinopla – Partida para a Ásia – Os Marinheiros Parodiam a Visita Imperial – Esmirna Antiga – A Fraude do «Esplendor	

Oriental» – A «Coroa da Vida Bíblica – Profecias Esclarecidas pelos Peregrinos – Convívio com Raparigas Arménias – Uma Doce Recordação – «Ah ah! Vêm aí os Camelos!»	
CAPÍTULO XXXIX	426
Os Leões de Esmirna – O Mártir Policarpo – As «Sete Igrejas» – Vestígios das Seis Esmirnas – A Misteriosa Mina de Ostras – As Ostras Que Queriam Ver a Vista – Os Discípulos de Miller – Uma Linha Férrea fora de Contexto	
CAPÍTULO XL	432
A Viagem para o Antigo Egipto – A Antiga Ayasuluk – Burros Teimosos – Uma Procissão Estapafúrdia – Esplendor em Decadência – Fragmentos de História – A Lenda dos Sete Adormecidos	
CAPÍTULO XLI	443
Proibido Vandalizar – Peregrinos Despeitados – Terra Santa à Vista! – Excitação Prévia – Inquietação com Dragomanos e Transportes – Escolha da «Viagem Longa» – Na Síria – Algo sobre Beirute – Um «Ferguson» Grego Escolhido a Dedo – Fatiotas – Cavalos em Carne Viva – Peregrinação com Estilo – Só Falta a Lâmpada de Aladino	
CAPÍTULO XLII	451
«Jacksonville» nas Montanhas do Líbano – Pequeno-Almoço com Vista Privilegiada – A Cidade Desaparecida – Jericó, o Garanhão Extraordinário – A Viagem dos Peregrinos – Cenas Bíblicas – O Monte Hérmon, os Campos de Batalha de Josué, etc. – O Túmulo de Noé – Um Povo Muito Infeliz	
CAPÍTULO XLIII	459
Costumes Patriarcais – Magnífica Baalbek – Descrição das Ruínas – Smiths e Jones Estiveram Aqui – A Fidelidade dos Peregrinos à Letra da Lei – A Venerável Fonte da Burra de Balaão	
CAPÍTULO XLIV	467
Excertos do Meu Caderno – O Paraíso de Maomé e o da Bíblia – Bela Damasco, a Cidade Mais Velha do Mundo – Cenas Orientais dentro da Curiosa Cidade Antiga – Os Transportes Públicos de Damasco – A «Rua Chamada Direita» – Os Túmulos de Maomé e São Jorge – O Massacre Cristão – Terror Que Têm os Muçulmanos de Ficarem Poluídos – A Casa de Naamã – Os Horrores da Lepra	
CAPÍTULO XLV	480
A Cólera para Variar – Muito Calor – Outra Procissão Estapafúrdia – Retrato a Caneta e Tinta de Jonesburgo, Síria – O Túmulo de	

Nimrod, o Poderoso Caçador – A Mais Majestosa das Ruínas – Pisando as Fronteiras da Terra Santa – Um Banho nas Fontes do Jordão – Mais Caça às Relíquias – As Ruínas de Cesareia de Filipe – «Sobre Esta Pedra Edificarei a Minha Igreja» – As Pessoas Que os Discípulos Conheciam – O Nobre Garanhão «Baalbek» – A Idolatria Sentimental dos Árabes pelos Cavalos	
CAPÍTULO XLVI	494
Dan – Basan – Genesaré – Um Panorama Notável – A Pequena Palestina – Pedacos de História – A Natureza da Região – Pastores Beduínos – Vislumbres de Antanho – Os Beduínos do Sr. Grimes – Um Campo de Batalha de Josué – Como Combateu o Soldado – A Batalha de Barak – A Necessidade de Desaprender Certas Coisas – Desolação	
CAPÍTULO XLVII	504
A Aventura de Jack – A Cisterna de José – A História de José – A Magnanimidade de José e Esaú – O Mar Sagrado da Galileia – O Entusiasmo dos Peregrinos – Porque Não Atravessámos o Mar da Galileia – Sobre Cafarnaum – A Respeito dos Irmãos e Irmãs do Salvador – Rumo a Magdala	
CAPÍTULO XLVIII	519
Curiosos Espécimes Arquitectónicos – A Recepção Pública aos Peregrinos – A Casa de Maria Madalena – Tiberíades e os Seus Estranhos Habitantes – O Mar Sagrado da Galileia – Galileia à Noite	
CAPÍTULO XLIX	532
As Termas Antigas – Tremenda Aparição – Um Esplêndido Panorama – A Última Batalha dos Cruzados – A História do Senhor de Kerak – O Monte Tabor – O Que Se Vê Lá de Cima – Recordação de Um Jardim Encantado – A Casa da Profetiza Débora	
CAPÍTULO L	544
Rumo a Nazaré – Mordido por Um Camelo – A Gruta da Anunciação em Nazaré – Grutas Notáveis na Generalidade – A Oficina de José – Um Pedregulho Sagrado – A Fonte da Virgem – Beleza Feminina Discutível – Curiosidades Literárias	
CAPÍTULO LI	557
A Mocidade do Salvador – Os Disparates de Peregrinos Sérios – Casa da Bruxa de Endor – Naim – Profanação – Típico Quadro Oriental – Compreensão Gradual das Metáforas Bíblicas – O Milagre de Sunem – O «Filho Livre do Deserto» – A Antiga Jezrael – As Proezas de Jeú – Samaria e o Seu Famoso Cerco	

CAPÍTULO LII	573
Curioso Vestígio do Passado – Shechem – A «Primeira Família» mais Antiga da Terra – O Manuscrito mais Antigo Que Existe – O Genuíno Túmulo de José – O Poço de Jacob – Silo – Acampando com os Árabes – A Escada de Jacob – Mais Desolação – Ramá, Beerot, o Túmulo de Samuel, a Fonte de Beira – Impaciência – Perto de Jerusalém – A Cidade Santa à Vista – Apreciação dos Seus Pontos Conspícuos – Estadia dentro das Muralhas Sagradas	

CAPÍTULO LIII	580
«A Alegria da Terra Inteira» – Descrição de Jerusalém – A Igreja do Santo Sepulcro – A Pedra da Extrema-Unção – O Túmulo de Jesus – Os Túmulos de Nicodemo e José de Arimateia – Os Lugares da Aparição – A Descoberta das Três Cruzes – Imposturas Fradescas – O Pilar da Flagelação – Onde Está Uma Relíquia – A Espada de Godofredo – «As Grilhetas de Cristo» – «O Centro da Terra» – O Sítio de onde Veio o Barro para Fazer Adão – A Campa de Adão – O Martírio do Soldado – A Chapa de Cobre Que Estava na Cruz – A Boa Santa Helena – O Sítio onde Repartiram as Vestes – São Dimas, o Ladrão Arrependido – Donativo do Falecido Imperador Maximiliano – A Gruta onde Se Descobriram as Cruzes, os Pregos e a Coroa de Espinhos – A Capela dos Trocistas – Túmulo de Melquisedeque – As Campas de Dois Cruzados Célebres – O Lugar da Crucificação	

CAPÍTULO LIV	597
A «Via Dolorosa» – A Lenda do Lenço de Santa Verónica – Uma Pedra Ilustre – A Casa do Judeu Errante – A Tradição do Judeu Errante – O Templo de Salomão – A Mesquita de Omar – Tradições Muçulmanas – «Proibida a Entrada a Mulheres» – O Destino de Um Rumor – Relíquias Turcas – O Tribunal de David e Saul – Vestígios Preciosos e Genuínos do Templo de Salomão – Atrações Turísticas em Excesso – O Reservatório de Siloé – O Jardim de Getsémani e Outros Locais Sagrados	

CAPÍTULO LV	610
Motim no Acampamento – Os Encantos da Vida Nómada – Rumores Sinistros – Rumo a Jericó e ao Mar Morto – A Estratégia dos Peregrinos – Betânia e a Casa de Lázaro – «Beduínos!» – A Antiga Jericó – Desgraça – A Marcha Nocturna – O Mar Morto – Uma Ideia do Que São as «Regiões Selvagens» da Palestina – Os Santos Ermitas de Mar Saba – O Bom São Saba – Proibida a Entrada a Mulheres – Afastados do Mundo para Sempre – O Altruísmo da Caridade Católica – Gazelas – A Planície dos Pastores – Belém, Terra Natal do Salvador – Igreja da Natividade – A Centena de Sítios Santos Que lá Existem – A Famosa Gruta «do Leite» – Sobre a Tradição – Regresso a Jerusalém – Exaustos	

CAPÍTULO LVI	630
Partida de Jerusalém – A Planície de Sharon – Chegada a Jaffa – Casa do Tãoeiro Simão – Termo da Longa Peregrinação – A Natureza da Paisagem da Palestina – A Maldição	
CAPÍTULO LVII	636
A Felicidade de Nos Fazermos Novamente ao Mar – «Estar em Casa» Num Cruzeiro – Alegrias da Vida a Bordo – Jack Vestido a Rigor – O Conselho de Despedida do Seu Pai – Perto do Egito – Em Terra, em Alexandria – O Merecido Elogio aos Burros – A Invasão das Tribos Perdidas da América – Fim da Célebre «Colónia de Jaffa» – Cenas do Cairo – O Shepherd’s Hotel Comparado com Um Certo Hotel Americano – Preparação da Visita às Pirâmides	
CAPÍTULO LVIII	646
Burros «Recherchés» – Uma Corrida Louca – Exemplos da Humildade Egípcia – Moisés Encontrado nos Juncos – O Sítio onde Se Abrigou a Santa Família – Visão das Pirâmides ao Longe – Visão mais de Perto – A Subida – A Vista Extraordinária do Topo da Pirâmide – <i>Bakshish! Bakshish!</i> – Uma Façanha Árabe – Nas Entranhas da Pirâmide – Estratégia – Recordação do Holliday’s Hill – Aventura Juvenil – A Majestosa Esfinge – Coisas Que o Autor Não Vai Contar – O Grande Egito Antigo	
CAPÍTULO LIX	663
Rumo a Casa – Um Caderno de Notas Desmoralizado – Diário de Um Rapaz – Breve Referência à Velha Espanha	
CAPÍTULO LX	667
Partida de Cádiz – Uma Lição Merecida – As Lindas Ilhas da Madeira – Interditos – O Encanto das Bermudas – Acolhimento Britânico – Adeus aos «Nossos Amigos Bermudenses» – A Fazer as Malas – O Nosso Primeiro Acidente – O Grande Cruzeiro Quase a Terminar – Em Casa, Ámen	
CAPÍTULO LXI	671
Dedicação e Ingratidão – A Despedida no Jornal	
CONCLUSÃO	680
Nota Biográfica	685

## PREFÁCIO

FICOU FAMOSA a frase com que William Faulkner coroou Samuel Clemens (1835-1910) — aliás Mark Twain, para a posteridade — em meados dos anos cinquenta do século xx. Definiu-o como o «pai da literatura americana». (Não deixa de ser tentador imaginar de que modo o próprio Twain seria capaz de dinamitar o que há de pesado e de solene numa legenda destas, ele que construiu toda a sua obra à revelia de qualquer solenidade literária.)

Esse registo de paternidade começa, pode dizer-se, com *A Viagem dos Inocentes*. É certo que já tinha havido antes um conto — *Jim Smiley and his Jumping Frog* — cuja publicação em jornais de todo o país tornara o escritor conhecido.

*A Viagem dos Inocentes* foi o primeiro livro publicado por Mark Twain e aquele com que o escritor obteria o seu maior sucesso literário em vida. Só no primeiro ano de edição, em 1869, terão sido vendidos setenta mil exemplares da obra, números que nenhum editor de hoje desdenharia poder repetir.

Quando embarcou no *USS Quaker City*, a 8 de Junho de 1867, num sábado, Mark Twain ainda só tinha em mente, tanto quanto se sabe, um projecto de carácter jornalístico. As cartas que escreveu no decurso da viagem para o *Daily Alta California*, de São Francisco, viriam a ser o ponto de partida para a obra.

Embora sendo um livro de estreia, *A Viagem dos Inocentes* contém já tudo aquilo que viria a ser central na personalidade literária de Mark Twain, fazendo dele um autor decisivo:

da linguagem exacta e sem ornamentos a um impiedoso sentido de humor.

O humor é, na verdade, o elemento primordial deste relato. Mark Twain não poupa nada, nem os próprios companheiros de viagem. O sarcasmo do escritor não se limita, contudo, a um relato de peripécias mais ou menos burlescas num navio carregado de «inocentes» americanos em excursão pelo Velho Mundo.

O olhar de Mark Twain nunca é indulgente. Não o é para os passageiros e é-o ainda menos para alguns dos lugares visitados. Em certas passagens, pode chegar a extremos de contun- dência para os quais, no nosso tempo, se inventou a expressão «politicamente incorrecto».

A primeira paragem do *Quaker City* dá-se em território português. O modo como Mark Twain descreve a passagem pelos Açores é quase cruel, no retrato que traça dos portugueses, na Ilha do Faial. Também por isso, este é um livro que há muito deveria ser conhecido do leitor português. Nunca ninguém perdeu nada aprendendo a rir-se de si próprio.

Não deixa de ser significativo que exactamente cem anos depois da morte do «pai da literatura americana» algumas das suas obras continuem inéditas em Portugal. *A Viagem dos Inocentes* é talvez o caso mais emblemático e este volume é, de algum modo, uma reparação tardia desse lamentável (mas infelizmente nada incomum) esquecimento.

CARLOS VAZ MARQUES

## Nota de edição e tradução

*The Innocents Abroad* teve a sua primeira publicação em forma de livro nos Estados Unidos da América, em 1869, e resultou do esforço de Mark Twain para produzir um volume coerente a partir de cartas e relatos jornalísticos que fez sobre a viagem transatlântica do paquete a vapor *Quaker City* à Europa e à Terra Santa, de 8 de Junho a 19 de Novembro de 1867, em que o escritor embarcou financiado pelo periódico *Daily Alta California*.

A presente tradução, com que se assinala o centenário da morte de Mark Twain, foi feita com base na edição *The Innocents Abroad*, da colecção Penguin Classics (Londres, 2002), com introdução de Tom Quirk e notas de Guy Cardwell. Estes paratextos, bem como as notas de Fanchita Gonzalez Batlle à sua tradução em francês, *Le Voyage des Innocents* (Paris, Payot, 1995) serviram de referência a muitas das notas explicativas aqui incluídas.

Optou-se pela não tradução das medidas de comprimento, peso e volume, para não comprometer o propósito declarado pelo autor de oferecer o seu olhar de cidadão dos Estados Unidos sobre a Europa e o Médio Oriente.

Sendo típica de Mark Twain a atenção aos registos de língua e idiomas, procurou-se manter essa dimensão quando ela se encontrava no texto de partida, embora a tarefa resultasse num efeito meramente de aproximação, nos passos de *poliglossia* (mistura e contágio de várias línguas) onde se escarnece da corrupção do inglês em terras estranhas ou da interferência

dessa língua nas tentativas dos turistas para se expressarem noutras.

Para a tradução de passos bíblicos, optou-se preferencialmente pela transcrição da *Bíblia Sagrada*, na edição de 2000 pelos Franciscanos Capuchinhos, com tradução coordenada pelo Frei Herculano Alves, excepto quando o enquadramento do texto literário exigia outras soluções.

MARGARIDA VALE DE GATO

# A VIAGEM DOS INOCENTES

OU A NOVA ROTA DOS  
PEREGRINOS

CONTENDO O RELATO DA EXCURSÃO RECREATIVA  
DO PAQUETE A VAPOR *Quaker City* À EUROPA E À  
TERRA SANTA; COM DESCRIÇÕES DE PAÍSES, NAÇÕES,  
INCIDENTES E AVENTURAS, COMO PARECERAM  
AO AUTOR

quantidade satisfatória de carne de salsicha, cuspiu nas mãos e meteu mãos à obra! Desta vez passámos todos à uma. Pagámos e saímos. Foi tudo o que fiquei a saber dos almoços turcos. Não há dúvida de que um almoço turco é bom, mas tem os seus pequenos contratemplos.

Quando penso como fui enganado pelos livros de viagens sobre o Oriente, só me apetece comer um turista ao pequeno-almoço. Durante anos e anos, sonhei com as maravilhas de um banho turco; durante anos, prometi a mim mesmo que havia de tomar um. Vezes sem conta, na minha imaginação, deitei-me na banheira de mármore, aspirando o perfume soporífero das especiarias orientais que enchia o ar; passava de seguida por um complexo sistema de estiramento e compressão, e esfrega e enxaguamento, nas mãos de um bando de selvagens nus, pairando imensos e difusos pelas névoas de vapor, como demónios; descansava depois um bocado num divã digno de um rei, para me sujeitar a seguir a outro processo complexo, mais terrível do que o primeiro; até que finalmente, enrolado em tecidos suaves, me levavam para um salão principesco e me deitavam numa cama com um colchão de penas, e uns eunucos, com roupas espampanantes, abanavam enormes leques sobre mim enquanto eu dormia e sonhava, ou contemplava satisfeito as faustosas cortinas do apartamento, os tapetes fofos, a mobília luxuosa, os quadros, e bebia um café delicioso, fumava o narguilé tranquilizante, até por fim me entregar a um sereno repouso, embalado pelos perfumes sensuais de incensórios invisíveis, pelo efeito apaziguador do tabaco persa do narguilé e pela música de fontes que simulavam as gotas da chuva de Verão.

Foi este o quadro que me inspirou a criminoso literatura de viagens. Era uma impostura barata e miserável. A realidade é tão parecida com isto como um bairro de lata com o Jardim

do Paraíso. Receberam-me num grande pátio, com um chão de lajes de mármore, em torno do qual havia amplas galerias, uma por cima da outra, alcatifadas com tapetes manhosos, com uns varandins por pintar, mobiladas com frágeis cadeiras cobertas por colchões velhos e bolorentos, moldados pelas formas das sucessivas gerações de homens que neles se tinham estendido. Era um sítio imenso, deserto, abissal; o pátio era um celeiro e as galerias pareciam cavaliças para cavalos humanos. Os criados cadavéricos, de tronco nu, de serviço no estabelecimento, não tinham um aspecto minimamente poético, nem nada que fizesse lembrar a fantasia e o esplendor orientais. Não cheiravam a nenhum perfume sedutor — pelo contrário. Os seus olhos esfomeados e as formas escanzeladas indicavam apenas uma coisa, que não era minimamente sentimental: queriam aquilo a que na Califórnia chamam de «uma refeição substancial».

Despi-me num dos balneários. Um tipo morto de fome, sujo, enrolou nos quadris uma toalha de mesa colorida e pendurou-me aos ombros um trapo branco. Se tivesse ali à mão uma banheira, o mais natural teria sido lavar-me. Conduziram-me então ao pátio húmido e escorregadio lá em baixo, e a primeira coisa que me chamou a atenção foram os meus calcanhares. A minha queda não suscitou qualquer comentário. Estavam à espera disso, com certeza. Fazia parte da lista dos efeitos amortecedores e sensuais mais específicos desta casa de luxo oriental. Sem dúvida de que foi uma coisa amortecedora, mas não terá sido ministrada com muita felicidade. Deram-me então um par de tamancos de madeira — bancos em miniatura, com correias de ouro para prender os pés (o que resultaria se eu tivesse pés daquele tamanho). Aquelas coisas arrastavam-se desconfortavelmente quando eu levantava os pés, e as correias soltavam-se nos sítios mais estranhos e inesperados quando os tornava a pousar, e às vezes caíam de lado, deslocando-me os

tornozelos. Todavia, tudo aquilo era um luxo oriental, que eu tentava apreciar como podia.

Levaram-me para outra parte do celeiro e deitaram-me numa espécie de colchão acanhado, que não tinha nenhuma cobertura de brocados de ouro, nem mantos persas, mas era apenas o tipo de coisa insignificante a que me habituei nos bairros negros do Arkansas. Naquela sombria prisão de mármore não havia absolutamente mais nada senão outros cinco catres iguais. Era um sítio muito solene. Fiquei então à espera que os perfumes das especiarias arábicas me arrebatassem os sentidos, mas não aconteceu nada disso. Um esqueleto cor de cobre, com um trapo à cintura, trouxe-me um frasco de vidro com água, com um cachimbo normal por cima e uma cana flexível com cerca de uma jarda de comprimento e um bocal de latão na ponta.

Era o famoso «narguilé» oriental: aquilo que o Grande Turco fuma nas gravuras. Isto já começava a parecer um luxo. Dei uma baforada e bastou; o fumo desceu-me com uma forte pressão até ao estômago, os pulmões e às partes mais recônditas do meu organismo. Explodi numa tosse estrondosa, como uma erupção do Vesúvio. Nos cinco minutos que se seguiram, fumei por todos os poros, como uma casa em construção a arder lá dentro. Acabou-se o narguilé para mim. O fumo sabia mal, e o sabor das mil línguas de infieis agarrado ao bocal de latão era ainda pior. Estava a ficar desanimado. De agora em diante, sempre que vir o Grande Turco de pernas cruzadas a fumar narguilé, com um ar de imenso êxtase, num embrulho de tabaco de Connecticut, já sei que ele é um charlatão sem vergonha.

Aquilo era uma prisão cheia de ar quente. Quando eu já tinha aquecido o suficiente para estar preparado para uma temperatura superior, levaram-me para onde ela estava: para

uma sala de mármore, húmida, escorregadia e vaporosa, e estenderam-me numa plataforma ao meio. Estava quentíssima. Pouco depois, o meu homem sentou-me junto a um tanque de água quente, onde me ensopou razoavelmente, calçou uma luva áspera e começou a dar-me lustro com ela por toda a parte. Comecei a cheirar de forma muito desagradável. Quanto mais ele me esfregava pior eu cheirava. Era assustador. Virei-me para ele:

— Estou a ver que definho a olhos vistos. Parece-me evidente que me deviam enterrar imediatamente. Talvez seja melhor ir já chamar os meus amigos, porque faz muito calor, e o meu cadáver não vai aguentar muito tempo.

Ele continuou a esfregar sem prestar atenção. Comecei a aperceber-me de que estava a reduzir o meu tamanho. Ele fazia força com a luva e dela reboavam pequenos cilindros, como macarrão. Não podia ser sarro, porque era muito branco. Continuou a aparar-me desta maneira, até que eu lhe disse:

— Isto assim dá muito trabalho. Há-de levar horas para me aparar até ao tamanho que quer. Deixe estar que eu espero, pode ir pedir uma plaina emprestada.

Passado algum tempo, ele trouxe uma bacia, algum sabão e uma coisa que parecia a cauda de um cavalo. Produziu uma quantidade imensa de bolhas, diluiu-me nelas da cabeça aos pés, sem me avisar para fechar os olhos, e começou a esfregar-me maldosamente com a cauda do cavalo. Depois deixou-me ali, tal estátua nevada de espuma, e foi-se embora. Quando me fartei de esperar fui à procura dele. Estava encostado à parede, noutra sala, a dormir. Acordei-o. Não se deixou perturbar. Levou-me outra vez de volta e inundou-me com água quente, enrolou-me um turbante à volta da cabeça, enxugou-me com toalhas de mesa secas e conduziu-me a um galinheiro de ripas de madeira numa das galerias, apontando para um daqueles

catres do Arkansas. Deitei-me nele, ainda com vagas esperanças dos odores da Arábia. Não vieram.

Aquele galinheiro vazio e despojado não condizia minimamente com a voluptuosidade oriental sobre que tanto lemos. Parecia-se mais com um hospital de província do que com qualquer outra coisa. O funcionário escanzelado trouxe um narguilé, e eu consegui que o levasse dali sem perder mais tempo. Depois trouxe aquele café turco mundialmente famoso, que mereceu aos poetas tantos cantos entusiásticos durante várias gerações, e eu agarrei-me a ele como a última tábua de salvação que me restava dos meus sonhos do luxo oriental. Revelou-se outra fraude. De todas as bebidas pagãs que me passaram pelo estreito, o café turco foi a pior. Vem numa chávena pequena, polvilhada de grãos, e o café é preto, espesso, de cheiro desagradável e péssimo sabor. O fundo da chávena apresenta um sedimento pastoso de meia polegada. Quando nos desce pela garganta, uma parte desta lama fica pelo caminho, produzindo uma irritação que nos faz ladrar e tossir durante uma hora.

Foi o fim da minha experiência do célebre banho turco, bem como do meu sonho da beatitude proporcionada aos mortais que dele podem desfrutar. É uma odiosa aldrabice. Quem quer que goste de tal coisa deve gostar das coisas mais repugnantes à vista e aos sentidos, e quem quer que lhe descubra um encanto poético, com certeza se deleitará com todas as coisas aborrecidas, tristes, desgraçadas e nojentas deste mundo.

**D**EIXÁMOS UMA DÚZIA de passageiros em Constantinopla, e singrámos pelo maravilhoso Bósforo, entrando pelo Mar Negro. Deixámo-los nas garras do famoso guia turco, «O LONGÍNQUO MOISÉS», que os há-de convencer a comprar um tonel de água de rosas, magníficas roupas turcas e toda a espécie de coisas singulares que não lhes hão-de servir de nada. Os preciosos guias de viagens Murray referem o nome do Longínquo Moisés, que é hoje um homem feito. Compraz-se diariamente pelo facto de ser uma celebridade reconhecida. Contudo, nós não podemos alterar os nossos hábitos antigos para agradar a guias caprichosos; não podemos dar parte de fracos a esta altura do campeonato. Assim, ignorando a fama ilustre deste camarada, bem como o nome esquisito de que tanto se orgulha, chamámo-lhe Ferguson, como temos feito com todos os outros guias, coisa que o pôs num estado perpétuo de desespero contido. Mas não fizemos por mal. Depois de se ter fardado, sem olhar a despesas, com umas vistosas calças largas, babuchas amarelas e pontiagudas, um fez vermelho rubro, um casaco de seda azul, uma volumosa banda de cintura de um tecido de fantasia persa incrustado com um conjunto impressionante de pistolas, e rematando o efeito com uma feroz cimitarra, acha que é uma humilhação atroz ser chamado Ferguson. Não há nada a fazer. Para nós todos os guias são Ferguson. Não conseguimos dar conta dos seus horríveis nomes estrangeiros.

Encantado do Paraíso, onde moram os príncipes e os génios das Mil e Uma Noites, a mais antiga metrópole da terra, a única cidade do mundo inteiro que manteve o seu nome e o seu lugar, olhando tranquilamente em frente enquanto nasciam e prosperavam os reinos e impérios de quatro mil anos, e gozavam o seu breve período de glória e fausto para finalmente se perderem no esquecimento!

## NOTA BIOGRÁFICA

MARK TWAIN foi baptizado à nascença, no ano de 1835, com o nome de Samuel Langhorne Clemens, mas esse nome ficaria para sempre na sombra do seu pseudónimo. Filho de um advogado severo, terá sido a mãe a despertar-lhe o sentido de humor, e é a ela que Twain dedica *A Viagem dos Inocentes*, pela sua leitura «paciente» e «crítica caridosa».

Se não há dúvida de que a sua obra é variada, mais curioso será notar que a sua vida profissional o foi mais ainda. Twain começou por trabalhar como aprendiz de tipógrafo, em 1848, e alguns anos mais tarde já contribuía com artigos e histórias humorísticas para o jornal de um seu irmão.

Mais crescido, numa viagem pelo Mississípi a bordo de um barco a vapor, terá ficado fascinado com o trabalho do piloto e com os seus conhecimentos do inconstante rio, que lhe permitiam navegar e atracar em inúmeros cais. Mark Twain dedicaria dois anos da sua vida à aprendizagem deste ofício e, com 24 anos de idade, receberia a sua própria licença. A Guerra Civil, que rebentou em 1861, viria a acabar com esta sua breve carreira.

Uma das muitas viagens da sua vida levou-o, algum tempo depois, a uma mina de prata no Nevada, onde tentou ser mineiro, mas sem grande sucesso. Em contrapartida, encontrou trabalho no jornal da zona. Foi aqui que, da pena de Samuel Clemens, então com 27 anos, nasceu Mark Twain.

*A Viagem dos Inocentes* resulta do seu trabalho como correspondente e surge em 1869, vários anos antes de serem publicadas as obras a que o autor é invariavelmente associado:

*As Aventuras de Tom Sawyer* (1876) e *As Aventuras de Huckleberry Finn* (1884).

Escritor muito citado, conta-se entre as suas frases mais conhecidas o desmentido de notícias que anunciavam a sua morte, em 1897: «As notícias da minha morte são manifestamente exageradas.» Só em 1910, há cem anos atrás, esse dia haveria de chegar.



NESTA COLECCÃO

*Morte na Pérsia*

Annemarie Schwarzenbach

(trad. Isabel Castro Silva)

*Uma Ideia da Índia*

Alberto Moravia

(trad. Margarida Periquito)

*Paris*

Julien Green

(trad. Carlos Vaz Marques)

*O Japão é Um Lugar Estranho*

Peter Carey

(trad. Carlos Vaz Marques)

*Veneza*

Jan Morris

(trad. Raquel Mouta)

*Caderno Afegão*

Alexandra Lucas Coelho

*Disse-me Um Adivinho*

Tiziano Terzani

(trad. Margarida Periquito)

*Nova Iorque*

Brendan Behan

(trad. Rita Graña)

*Histórias Etiópes*

Manuel João Ramos

*Na Síria*

Agatha Christie

(trad. Margarida Periquito)